

Além disso, como observa Diez, em latim empregava-se a preposição *de* após alguns verbos para indicar a subtracção de uma parte de um todo material, como em grego *ἀπο* e em allemão *von*. O v. port. com o francez extendeu este uso ás idéas abstractas, dando amplo emprego á prep. *de*, acompanhada ou não do artigo, com valor partitivo.

Esta syntaxe, que se fixou em francez, foi-se restringindo em portuguez, de sorte que hoje não é tão corrente como na velha lingua. Exs.:

Tomade das melhores sementes desta terra e das outras especies (Chrest. Arch. 92) — E depois que foi esperto logo de comer lhe pedia (T. Port. 108) — E elle pediu-lhe per aravia da agua... ca sse nom podia d'alli levantar (T. Port. 251, Liv. de Linhagens) — Ali poderia omen veer de bôos cavaleiros d'ũa parte e doutra (Chrest. Arch. 45, Morte do Rei Artur) — Acho do pão onde quer a troco ou doutra maneira (S. de M., Obs. 397) — Comem trigo e nós d'avea (Ib. 389) — Desque me roubaste da alma do corpo, e da fazenda (Id. 2. 188). — E mandar-m'lheis das cebolas (G. V., Rubena).

Obs. Ao mesmo processo syntactico pertence o pronome partitivo *delles* tão commum no antigo portuguez. Exs.:

Saem todos juntamente deles em magotes e deles em aazes (em fileira) longas, e deles em aazes de coinha (cunha ou triangulo) e lidam com com o poder dos turcos (T. Port. 233-234, Liv. de Linhagens) — Deles levantaram pedras, e çambarcos e paaos (F. Lopes, Chron. de D. Fernando) — Delles mettidos até a cinta, delles até o pescoço (S. de M. Obs. 2. 205).

Todallas cousas criadas
Tem seu fim determinado;
Dellas per tempo alongado,
Dellas mais abreviadas
Dellas per curso meado.

(G. V., Obs. 2. 486)

Eu tenho muitos thesouros,
Que lhe poderão ser dado,
Mas ficarão encantados,
Delles de tempo de Mouros,
Delles dos antepassados.

(Ib. 484)

Demonstrativos

566. ORIGEM HISTORICA DOS DEMONSTRATIVOS *ESTE*, *ESSE*, *AQUELLE*. Possuia o latim trez demonstrativos, que se relacionavam respectivamente com as trez pessoas grammaticaes, a saber: *hic* = *este*, *aqui perto de mim*; *iste* = *esse*, *ahi perto de ti*; *ille* = *aquelle*, *lá perto delle*.

Rejeitou o portuguez *hic*, e *iste* assumiu o seu papel syntactico; e, para preencher o logar deste, tomou a lingua *ipse* (\rightsquigarrow *esse*), que era demonstrativo de identidade (*ipse* = o mesmo).

Conservou *ille* o seu valor syntactico, porém passou para o portuguez na fórma reforçada *aquelle* \rightsquigarrow *accu + ille*. Além desta fórma reforçada, deu-nos ainda *ille*, em sua fórma simples accusativa (*illum, illam, illos, illas*), os demonstrativos attenuados — *o, a, os, as, o* (neutro).

Guardam, pois, os demonstrativos — *este, esse, aquella* o valor locativo de — *hic, iste, ille*.

567. *ESTE, ESTA, ISTO*. Possuem estes demonstrativos trez fórmas genericas oriundas das fórmas genericas latinas: masculina — *iste* \rightsquigarrow *este*, feminina *ista* \rightsquigarrow *esta*, neutra — *istud* \rightsquigarrow *esto* \rightsquigarrow *isto*. Com o desaparecimento do neutro latino, esta terceira fórma assumiu em portuguez, função pronominal, e só readquire sua função original de adjectivo, quando anteposta a outras fórmas pronominaes neutras, legadas pela lingua-mãe, p. ex.: *isto tudo, isto mesmo* (cf. *tudo isto, mesmo isto*).

568. Guarda este demonstrativo, na evolução da lingua, o valor syntactico de demonstrativo da 1.^a pessoa grammatical, em contradistincção de *esse* e *aquelle* que respectivamente se relacionam á 1.^a e 2.^a pess. grammatical: *este livro* (perto de mim), *esse livro* (perto de ti), *aquelle livro* (perto delle ou afastado da 1.^a e 2.^a pessoa). Por analogia, na ordem dos termos no discurso, *este* se oppõe a *aquelle*, designando este um termo mais proximo, e *aquelle* mais distante:

Pedro e Paulo foram apóstolos; este dos gentios e *aquelle* dos judeus.

A quem trarão
 Rosas a roxa Cloris,
 Conchas a branca Doris
 Estas flores do mar,
 Da terra aquellas. (C. ap. Serões 351)

Obs. A fôrma archaica *esto* = *isto* apparece nos documentos de nossa lingua até o sec. xv : Além desto este senhor se abstinha de todas las viandas e cheiros (Fr. J. Alvarez, Chron. do Infante Santo).

569. ESSE, ESSA, ISSO. A triplíce fôrma deste demonstrativo da 2.^a pess., tem a explicação e applicação, de que tractámos no paragrapho antecedente (*ipse* → *esse*, *ipsa* → *essa*, *ipsum* → *esso* → *isso*). Como *isto*, passou *isso* (arch. *esso*) para a categoria de pronome, e só readquire sua funcção adjectiva primitiva deante de um outro pronome neutro (*isso tudo*, *isso mesmo*).

570. Cumpre, porem, observar, com o eminente grammatico o Dr. Ernesto Carneiro, que em referencia a um pensamento que se vae enunciar emprega-se *este* e não *esse*, contrariamente ao que fez o P.^e Antonio Vieira, no seguinte trecho (Serões 352), o que demonstra que a evolução analytica não havia completado o seu cyclo em relação a esses demonstrativos:

Essa era a obrigação de fiel ministro : adorar a seu Senhor e adoral-o sempre !! Porque *essa* era a bizarra natureza dos raios : ferir e executar primeiro !! *Essa* differença houve entre Christo e os outros homens : que os outros começam a vida pela idade de homem.

571. AQUELLE, AQUELLA, AQUILLO. No latim popular, como na baixa latinidade, era habito syntactico iniciar a phrase com a particula reforçativa *ecce* (= *eis*). Já na época de Plauto se encontra *eccille* (= *ecce* + *ille* = *ekille*), *ecciste*, *eccum* (= *ecce eum* = *ei-lo*). O mesmo valor reforçativo tinha em latim *atque*. Da fusão de *atque* e *eccum* teriamos, segundo Bourciez, *accu*, que do romance passou, combinado com *iste* e *ille*, para o v. port. nas fôrmas de — *aqueste*, *aquesta*, *aquesto*, *aquille*, *aquella*, *aquello* = *aquillo*.

As fôrmas *aqueste*, *aquesta*, *aquesto*, archaizaram-se, e desappareceram no sec. XV, porém, *aquelle*, *aquella*, *aquillo* vingaram. Quanto á syntaxe, dão-se com ellas os mesmos phenomenos já estudados nos paragraphos antecedentes.

Das fórmãs reforçadas de *este* (*aqueste*) e hoje rejeitadas, damos os seguintes exemplos, extrahidos das *Regras de S. Bento*, um dos monumentos do portuguez archaico:

Quem ouve aquestas mhas paravras, e as faz, semelharey a ei o barm sages, que eivigou (edificou) a ssa casa sobre a pedra, veerom os rrios, soprarom os veentos, e impetarom (fizeram impeto) naquela casa, e não caeou, a certas era fundada sobre pedra. E nostro Senhor complinte todas estas cousas esguarda (olha) de cada dia aquestes seus sanctos amoestamentos nós per feytos dever responder (T. Port. 84) — E por aquesto a loemos, mais (=mas) quem a non loará (C. Arch. 173).

572. ISTO, ISSO, AQUILLO, O, assumem, por attracção, a fórma adjectiva, quando na phrase ha substantivo, a que se possa referir, v. gr.: *Este é o motivo; censura deste que se chama costume.* (A. V., ap. E. Dias).

573. Percebe-se em certas phrases da v. lingua a attenuação de *aquelle*, que nos deu, da fórma simples — *ille*, o pronome *elle*, p. ex.:

Primaliã vio hũa estatua a maneira de home tã natural como Dom Duardos que por vezes o pos em duvida se poderia ser *aquelle* (=elle) (Palm. I. 33) — Depois de partido ficou a cidade de Constantinopla tã erma, que parecia não ser *aquelle* (=ella) (Ib. 28).

574. O, A, O. Esta triplice fórma do pronome demonstrativo, tem a sua origem etymologica no mesmo termo latino, que o demonstrativo *aquelle*, excluido o reforço, isto é, no accusativo do demonstrativo *illum* (\rightsquigarrow *ello* \rightsquigarrow *lo* \rightarrow *a*), *illud* (\rightsquigarrow *la* \rightsquigarrow *o*), *illam* (\rightsquigarrow *ello* \rightsquigarrow *lo* \rightsquigarrow *o*). Tem, pois, syntacticamente o valor attenuado de — *aquelle*, *aquelle*, *aquillo*. Além disse, a sua derivação etymologica coincide com a do *artigo definido*, com o qual morphologicamente se confunde, e do qual syntacticamente apenas se discrimina pela ausencia do substantivo a que se refere: elle não é mais, portanto, do que um *artigo pronominado*.

Do *artigo definido*, entretanto, elle se distingue facilmente não só evocando a si a funcção pronominal, mas podendo ser substituido por *isso* ou pelo seu cognato reforçado — *aquelle*, *aquelle*, *aquillo*, p. ex.: *O (aquelle) que semeia espinhos, colhe abrolhos* — *O (aquillo) que eu te*

digo, o (isso) não sabes agora, sabê-lo-ás (saberás isso) depois.

Importa ainda não confundir este pronome demonstrativo com o pronome pessoal, caso obliquo da 3.^a pess.: — *o, a, os, as*, cuja origem etymologica é egualmente identica a delle.

O pronome pessoal (*o, a, os, as*) apresenta-se na proposição como accusativo de verbo transitivo, a que vem *enclítico* ou *proclítico*, ou ainda *mesoclitico*, tendo sempre referencia a um substantivo enunciado antecedentemente; e pôde ser substituído por — *a elle, a ella, a elles, a ellas*: *amo-o* = *amo a elle*, *venero-as* = *venero a ellas*.

O pronome demonstrativo (*o, a, os, as, o*), porém, não se refere a nome antecedentemente expresso, pôde funcionar como sujeito do modo finito, e é conversível em *esse, isso, aquelle, aquillo*. Serve frequentemente de antecedente ao relativo *que*, e a fôrma neutra tem sempre referencia a um attributo ou predicado ou sentido antecedente, p. ex.:

É porque os Reys são *os* a quem mais neste mundo se furta, porque tem mais de seu; ou por que não se resguardão porisso tanto como *os* que tem menos: seja-me licito dar aqui huma palavra a El-Rey nosso Senhor (A. de F.) — Honrae as viuvas que *o* são verdadeiramente (A. C., ap. Serões 680) — Que doudo pensamento he *o* que sigo? (C.) — O espaço que estava por passar-lhe parecia mavor do que de seu natural *o* era (Palm. I. 135)

575. O demonstrativo *o* neutro pôde referir-se a um substantivo concreto tomado em sentido generico, e, consequentemente, *abstracto*: *Sois mãe? Sou-o. — São ellas donas desta casa? São-n-o.*

Se, porém, estes substantivos forem tomados em sentido especifico e determinado, o pronome assume a fôrma masculina ou feminina para os effeitos da concordancia: *Sois a mãe deste menino? Sou-a — São ellas as donas desta casa? São-n-as.* — A's vezes, porém, e apesar do artigo, o sentido é *abstracto*: *Sois a mãe dos pobres? Já o fomos. — Fostes os donos desta casa? — Não o somos, porém, sê-lo-emos.* — “Nós os homens costumamos dizer que as mulheres são curiosas. Nós é que *o* somos” (A. H., ap. Serões 679). — “Mas durarão por muito tempo esses restos das mais formosas de todas as artes? Não *o* esperamos” (Id. ib.).

576. O demonstrativo *o, a, os, as*, antepõe-se, muitas vezes, a um genitivo:

A grammatica de Pedro e a de Paulo, o trabalho do alumno e o do professor, a coragem do soldado e a do capitão, a morte da mãe e a do filho, as opiniões da imprensa e as da nação, a auctoridade do rei e a do imperador, amo o amigo da verdade e não o da popularidade.

Póde-se supprimir o demonstrativo, quando não ha contraste, e necessidade ou intenção de se discriminar os dois genitivos, mormente quando constituídos por substantivos abstractos, e assim dois grupos de coordenação, assignando idéas distinctas, convertem-se em um grupo de subordinação, assignalando uma idéa complexa:

A morte da mãe e a do filho encheram de tristeza toda a familia, ou — a morte da mãe e do filho enche de tristeza toda a familia; a proclamação do direito e da liberdade humana effectuou-se no Calvario; o amigo da verdade e da caridade tem em si o espirito do christianismo; a coragem do soldado e do capitão é admiravel; o trabalho do alumno e do professor é grande — O furor de offender ou vencer o duro imigo, faz não sentir, que he perda grande e rara, (a) dos membros corporaes, da vida chara (Lus. 4. 39) — A esse ruido associava-se o do patear de mulas de pagens e de hecaneas de donas e donzellas e o de muitas vozes que se cruzavam (A. H., Mon. 2. 162) — As historias de duendes e espectros e almas penadas e possessos e diabretes constituíam na edade media um systema de doutrina (A. H., Mon. 2. 168).

577. Aparece ainda o demonstrativo *o, a, os, as* anteposto pleonasticamente a um genitivo: *José Bonifacio, o da independencia; Judas, o da traição; Pedro primeiro, o do Brasil.*

578. O demonstrativo *o, a*, indica a *ellipse* de um substantivo (em geral *homem*), deante de um complemento attributivo: *os de Luso, os de vossa nação; os que sabem, esperam; os que morrem, revivem.* — “O da fortuna o deixou, partindo-se d'elle alegre de o vencer, porque sabia camanho era o preço deste cavalleiro” (Palm. I. 148).

579. MESMO. Anteposto, tem *mesmo* o valor de *idem*, indica identidade, e reclama o artigo ou outro demonstrativo: *o mesmo homem, este mesmo homem, as mesmas palavras*; posposto, corresponde a *ipse*, e tem o sentido de *proprio*: *o homem mesmo, este homem mesmo, eu mesmo, nós mesmos.*

Funciona tambem como adverbio com o valor de *até*: *Convem mesmo não discutir, mesmo ella não pôde crer, chegaram mesmo a entrar.* Observa, entretanto, E. Dias que “os classicos não empregam *mesmo* adverbialmente, senão, por ventura, juncto de adverbios pronominaes: *aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo (nunc ipsum).*”

No *port. arch.* *esso mesmo, esse mêdês* = *isso mesmo* era empregado com o valor de — *tambem.*

Conjunctivo ou relativo

580. Chamam-se CONJUNCTIVOS OU RELATIVOS certos adjectivos (*o qual, cujo, quanto*), e pronomes (*que, quem*), que teem por funcção ligar uma proposição a um termo enunciado na proposição antecedente, representando-o como *sujeito* ou *complemento* da proposição ligada. Ao adjectivo e pronome, que assim serve de connectivo e se relaciona com um substantivo da proposição ligante ou subordinante, dá-se apropriadamente o nome de *conjunctivo* (de *conjungere* = *conjunctar, ligar*) e de *relativo* (de *relativum, que se refere ou relaciona*). Taes palavras, que desempenham na syntaxe o duplo papel de particula relacional e de membro da proposição relacionada, pedem dois termos, um chamado — *antecedente* e o outro *consequente*, que occupam respectivamente posição importante nas proposições ligadas: *o HOMEM, o qual (HOMEM) practica o bem, é bom* ou *quem practica o bem, é bom; o HOMEM, cuja PRACTICA é boa, não é hypocrita*, ou — *a practica do qual é boa, não é hypocrita*. Dos exemplos se vê que o *consequente* do adjectivo (*o qual*), é identico ao *antecedente* (*HOMEM*), e vem quasi sempre occulto, excepto quando queremos dar emphasis; que o *pronome (que)* não admite *consequente* claro, e é conversivel no adjectivo *o qual*; que o adjectivo *cujo* tem *consequente (practica)* diverso do *antecedente (bomem)*, e é equivalente a — *do qual*. Exs.:

Arremeteo contra ho gigante, o qual vinha cavalgado em uma besta fera (Tav. Redonda) — E d'aqui en diante vus direi en quaes cousas segundo rason (Chrest. Arch. 183) — Ouvia ao longe uns brados de feras espantosos, cujo medo me arrepiava toda (A. F., Castro 44).

Amor é um fogo que arde sem se ver ;
He ferida que doe e não se sente ;
He um contentamento descontente ;
He dôr que desatina sem doer. — (C., Sonetos)

581. QUE. Este pronome relativo, como já vimos, revela-se pela sua posição na phrase depois de um substantivo seu *antecedente* e pela sua conversibilidade na fôrma composta do adjectivo seu equivalente (*o qual, a qual, os quaes, as quaes*). Elle se colloca sempre á testa da proposição por elle ligada, da qual é um membro (*sujeito* ou *complemento*).

Sendo *que* invariavel em genero e numero, pôde muitas vezes haver duvida quanto a seu antecedente, desde que, haja dois ou mais substantivos antecedentes, em *grupo de coordenação* ou de *subordinação*.

1.º *Em grupos de coordenação* podem-se apresentar varios substantivos coordenados antes do *relativo*, e haver duvidas se a referencia deste diz respeito a todos ou só ao ultimo, p. ex.: *São sentimentos perigosos a ira, a impaciencia e a inveja, que todos detestam*. Neste exemplo, apesar da virgula antes de *que*, ou da pausa, que ella indica, poderia ainda haver alguma duvida sobre se o antecedente do relativo é apenas *inveja* ou egualmente os outros dois termos coordenados (*impaciencia* e *ira*), como a posição da mencionada virgula ou pausa parece indicar. Se puzessemos a virgula para antes da conjuncção *e*: *São sentimentos perigosos a ira, a impaciencia, a inveja que todos detestam*, o sentido determinado por essa virgulação ou entoação propria, indicaria *inveja* como o antecedente exclusivo e o unico objecto da detestação de todos. Porém, em ambas as pontuações, a construcção deixa a interpretação duvidosa, e mais seguro é mudar-se a ordem dos termos, e dizer-se, conforme o sentido que á phrase quizermos dar: *São sentimentos perigosos, que todos detestam, a ira, a impaciencia e a inveja*, ou — *São sentimentos perigosos a inveja, que todos detestam, a ira e a impaciencia*.

2.º *Em grupos de subordinação* pôde dar-se a mesma confusão, quando os substantivos *subordinante* e *subordinado* forem ambos determinados, p. ex.: *Consignamos a glo-*

ria da virtude que é constante, onde ficamos em duvida sobre qual dos dois termos determinados (*gloria e virtude*) é o antecedente do relat. *que*, e, portanto, a qual delles attribuir o predicado *constante*. Se, porém, um delles for indeterminado, não haverá ambiguidade, pois o relativo se refere ao determinado, como se vê nas seguintes phrases: *Tenho o vestido de seda, que comprei*, e — *Tenho vestido da seda que comprei*: na primeira phrase é evidente que comprei o *vestido*, e no segundo a *seda*.

Quando o relativo *que* é sujeito, e os antecedentes são de diversos numeros ou generos, frequentemente o verbo ou o predicado nominal clareiam a referencia: *o orgulho e a inveja que é detestada, a inveja e o orgulho que são detestados; a gloria do homem, que é vã; os livros do alumno, que se perderam*.

Além desses expedientes para elucidar qual o antecedente do pron. *relativo*, possui a lingua um outro processo, que consiste em se empregar pelo pronome o adjectivo relativo seu equivalente (*o qual, a qual, os quaes, as quaes*), que pela concordancia pôde revelar o antecedente em muitos casos embaraçosos.

No latim não se produz tal amphibologia, pois as flexões genericas e numericas do pron. relativo (*qui, quæ, quod*) accusam logo o antecedente: *Tumens inani Graculus superbia, PENNAS, Pavoni QUAE deciderat, sustulit.* (Phedro).

582. Quando o antecedente do pron. *que* é o demonstrativo *aquelle*, é corrente hoje a precedencia immediata deste, p. ex.: *E' justo aquelle que practica a justiça*, ou — *aquelle que practica a justiça, é justo*.

A v. ling. nem sempre assim se portava, e frequentemente distanciava o relativo do demonstrativo seu antecedente, p. ex.: *Aquelle é justo que practica justiça*. Desta construcção são abundantes os exemplos em escriptores quinhentistas, e nas maximas populares, que estereotypam as fórmulas da antiga linguagem. Exs.:

Bias diz que *aquelle* he desventurado que não pôde sofrer a desventura. Diogenes diz: *Aquelle* he mais infelice q mays trabalha por ser mays felice (H. P., Imag. l. 35, 268) — *Aquelle* é guardado, que Deus guarda — *Aquelle* é boa e honrada, que está viuva sepultada — *Aquelle* é bem casada que não tem sogra nem cunhada — *Aquelle* é teu

amigo que te tira do arroido — Aquelles são ricos que teem amigos — Aquelle vae mais são, que anda pelo chão — Aquelle ha de chorar, que teve bem, e veio a mal.

583. QUEM. Este pronome relativo só pôde ter antecedente expresso, quando regido de preposição: *o homem de quem fallei*.

Fóra deste caso, *quem* emprega-se em sentido absoluto, contendo em si o relativo e o seu antecedente, é uma expressão synthetica equivalente a — *o que, aquelle que, a que, aquella que, os que, aquelles que, as que, aquellas que*, p. ex.:

Quem semeia ventos, colhe tempestades = o que semeia ventos... aquelle que semeia ventos... a pessoa que semeia ventos... ; não sei quem irá = não sei aquelle que irá ; sou eu quem falla = sou eu aquelle que falla. E não sabem quem é por quem moiro (T. Arch. 20).

Pelejo com quem trata paz comigo ;
De quem guerra me faz não me defendo (C. Obs. 2. 61)

Em sentido absoluto *quem* vale, pois, por — *homem que*, e interrogativamente vale por — *que homem* (ou *que pessoa* :

Ide-vos, varom, quem vos foy aqui traier ? (T. Arch. 24) — Quem de meu proprio mal me faz amigo ? (C.)

584. EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS. A fórma *quem* do relativo emprega-se hoje quando o antecedente é nome de *pessoa*, e *que* quando é nome de *coisa* ou *pessoa*: *o homem de quem se tracta, o negocio de que se tracta, a coisa ou a pessoa que vi*.

O v. port., porém, não se subordinava a estas regras, e o *que* preposicional referia-se mais vezes do que hoje a *pessoas*, e o *quem* a *coisas*. Exs.:

A bella dona por que eu trovava e que não dava nulha ren (nada) por mi (J. de Guilhade) — ...vivendo muito contente com sua mulher Drusianda a que queria muyto (Tav. Renonda) — Foi bem recebido dos irmãos e d'outros, a que prouve com sua vinda (F. Lopes, Chr. de D. Fernando) —

Andando, as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem (=que) amor brincava e não se via
(Lus. 1. 49)

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
A quem (=que) chamais vós outros Tormentorio
(Ib. 174)

Obs. Modernamente escreveu A. Castilho imitando o uso archaico : “Não lhes basta para miseria o andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? o duvidarem a miudo da gloria por quem se matam?”

585. Além da equivalencia entre *que e quem*, dava-se ainda no portuguez archaico a equivalencia entre — *que e qual, o que, o qual*:

Com dous mil homes se lhes pôs deante, pelo qual (=pelo que) a briga tornou ao primeiro estado (Peregr. I. 54) — Tinhame grande inveja pelo qual (pelo que) mastigava (S. de M., Ohrs. 2. 90) — Soube logo a danada tenção de Telorique da que (da qual) se rio muyto (T. Redonda, 2).

586. *QUE E QUEM* COMO INTERROGATIVOS. Empregam-se como interrogativos *que e quem*, tanto na interrogação *directa*, como: — *Que fazes?* — *Quem está abi?* — como na *indirecta*: *Pergunto que fazes* — *Quero saber quem está abi* — *Dize-me quem és.* — Seguido de subst., *que* assume funcção de adject.: *Que homem é esse?*

Na interrogação *directa* são empregados em sentido absoluto, sem antecedente; porém na *indirecta* podem vir com antecedente expresso:

Vêde o que faria (A. V.) — Dize-me o que queres de mim, que será tudo feito a teu talante e vontade (A. H., L. e N. 1,36) — O Callidio, amigo da minha alma, que te direy? que te direy? que te farey? por taes novas e a tal tempo? (S. de M. Ohrs. 2. 152) — Quem pôde livre ser, gentil Senhora, vendo-vos com juizo socegado? (C. Ohrs. 2. 35) — Quem he, que tão gentil louvor derrama? (Ib., p. 22).

Se pena por amar-vos se merece,
Quem della estará livre? quem isento?
E que alma, que razão, que entendimento
No instante em que vos vê não obedece?
(C. Ohrs. 2. 46)

Que sonha a donzella
Tão vaga, tão linda,
Bemquista e bemvinda,
Na terra ou no céo?
Que faz? que medita,
Que scisma? que pensa?
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéo

(G. D., Poes.)

Que doudo pensamento é o que sigo?
poz que vão cuidado vou correndo? (C. Ohrs. 2. 61).

587. Existiu na lingua uma tendencia para se reforçar o interrogativo directo *que* pelo demonstrativo neutro (o que?), tendencia que é hoje um facto não só no fallar do povo, mas no uso frequente de abalisados escriptores modernos. A pequena extensão desse interrogativo e a sua atonicidade em posição proclitica reclamavam esse natural reforço, aliaz favorecido pela analogia da interrogação indirecta (*dize-me o que queres de mim* (A. H.).

Se bem que rarissima, encontra-se entre os nossos classicos a forma *o que* interrogativa, indicando, por ventura, esses exemplos esporadicos que não era tal fórmula estranha a fallar do povo. Em Sá de Miranda lemos: *O que farey a estes rostos que tão asinha se mudam?* (Obrs. 2. 98), e em A. Vieira: *Cortam-se as amarras, embarcae-vos: e o que succede?*

Hodiernamente essas fórmulas compostas interrogativas superabundam em bons escriptores. Exs.:

O que? o que? — perguntaram varias vozes (A. H., Monast. 1.216) — O que será feito de Frei Timotheo (Ib.) — O que é o direito de propriedade? (A. H.) — Castello de S. Angelo, castello de S. Angelo, o que dirias tu se fallasses? (Id. Cas. Civ. 122) — Logo se não é drama, o que é? (A. C.) — Sei. O que? O que tu não tens animo para me dizer, Carlos (G. Viag. 2.167) — Tudo o quê, Georgina? (Ib., 211) — O que vae por essa alma, ó Rei? (G.) O que será, padre? (Ib. 21, 122) — E' verdade. O que será? (R. da S. Odio 48) — E o que lhe póde fazer a gante? (Ib. 57) — Meu rico papázinho! — O que ha de responder-lhe (A. C., O Doente, 64) — Agora, com licença, pergunto-lhe uma coisa. — O que é (Ib. 26) — Vá, que malvado? — A Antonia. — O que te fez? (Ib. 40) — O que é isto? que temos? que foi Simpliciozinho? (Ib. 48) —

O que te fez meu filho, o que os Troianos,
Que após tragos lethaes, não só de Italia,
Do universo os cancellos se lhes trancam?

(O. Mendes, Eneid., 1. 245)

588. Frequentemente apparece no v. port. o relativo *que* com antecedente elliptico, e *que* = *o que*:

Ela disse aa donzela que lhe non dêsse que (=o que) com esse nem que bevesse (Chr. Arch. 67)—Mays cada que (=cada vez que) que quizerdes cavalgar... e cada que vós andardes senheira J. de Guillh., 70. O. Nobiling) — Bofá não sei que cuide? (Euphr.) — ...seria necessario despovoarem-se todas as cidades, e irem-se todos aos desertos, que (=o que) seria grande inconveniente (H. P., II, 10, ap. E. Dias).

Vem tão ledo — sus cear !
Como se tivesse que ;
E eu não tenho que (=o que) lhe dar
Nem elle tem que lh'eu dê. — (G. V. Obs. 3. 8.).

Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que (o que) mais que a propria vida a magoava
(Lus. 6. 12).

589. *O QUE*. Na fórma composta *o que*, discrimina a analyse funções distinctas, recahindo entre os dois pronomes os limites das duas proposições: *não sabes o | que dizes*. Sendo *que* complemento do 2.º verbo, a elle deve reger a preposição reclamada pelo seu verbo, p. ex.: *não sabes o de que tractei*. Entretanto, é commum, neste caso, recuar-se a preposição regente para o primeiro elemento — *não sabes de que tractei* — “Eis de que nos accusa o Sr. Visconde (A. H., Cas. civ., 8, ap. E. Dias), por — *Eis o de que nos accusa...*” — ...“replicar seriamente a homens, não só ignorantes e ineptos, do que elles não tem culpa, mas que falsificam, truncam, omittem as palavras do adversario (Id. ib.)”.

590. Empregavam nossos classicos *quem* em sentido *partitivo*:

Quem lhe dava uma ovelha, quem um carneiro, quem um novillo
(S. de Menezes, ap. Serões 354)

Huns vão nas almadias carregados
Hum corta o mar a nado diligente ;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente (Lus. I. 31).

591. *PESSOA, GENERO E NUMERO DE QUE E QUEM*. O relativo *que* é sempre da pessoa, genero e numero do seu antecedente, para os effeitos da concordancia com o verbo e predicado nominal, quando sujeito: *A vida, que é rapida, foge; os instantes, que passam, voam*.

Esta attracção do sujeito, póde ainda operar-se no relativo através de um predicado, como se vê no exemplo de Camões: *Eu sou aquelle occulto e grande Cabo, que nunca... fui notorio, onde que* attrahido pela pessoa do su-

jeito *eu*, através do predicado-antecedente *aquelle Cabo*, leva o verbo *fui* para a 1.^a pess. No caso da supressão desse predicado, a attracção é de regra: *sou eu que pago, és tu que pagas, é elle que paga, somos nós que pagamos, sois vós que pagaes*; expressões que analyticamente se resolvem em: — *eu sou o* (ou *aquelle*) *que pago, tu és o que pagas, elle é o que paga*, etc.

592. O relativo *quem* guarda, em regra, a sua autonomia de pronome da 3.^a pessoa, masculino, singular: *Mas eu sou quem me faz a maior guerra* (C., Ohrs. 2. 65) e — *Quem não é com meu mal engrandecido* (Id. 80).

Entretanto, quando posposto immediatamente ao pronome pessoal, pôde deixar-se attrahir por elle e impor ao verbo, de que é sujeito, o numero e a pessoa do pronome antecedente. Exs.:

Não foram elles só quem vos mataram (M. B.) — Sou eu quem fallo (J. S. Barbosa) — Na innocencia do infante és tu quem fallas (G. D. Poes. 2. 312). —

E' meu poder quem apura
Os vicios que a mente encerra
Ao fogo da minha dor,
Sou eu quem prende aos céus a terra,
Sou eu quem ligo a creatura
Ao ser do seu Creador. — (G. D. Poes. 2. 18)

Eu, porém, no peito amante
Sou quem fomento a paixão — (Ib. 238).

593. *QUAL*. *Qual* é a fôrma primitiva, que é posteriormente reforçada e diferenciada pelo artigo definido — *o qual*.

Nos primeiros documentos da lingua do sec. XII e XIII, apparece *qual* com o valor de *que* e de *o qual*:

E fezeles ajudas, quales aqui oviredes (Noticia de torto) — Qui a morador over a firmar ou jurar jure ou firme com moradores ó con vizinhos quaes over (T. Port., Tor. do Cast. de Rodrigo).

No sec. XIV já apparece a fôrma composta:

E mandou viir comigo ua mui onrada dona... a qual, quando veo achou iazer aos pees do santo bispo Nono (Chrest. Arch. 105).

Até o seculo XVI encontra-se o *qual* = *o que*:

Pela grande mercê que lhes fizera em lhes restituir suas fazendas, *pelo qual* (= *pelo que*) todos lhe ficavam... por subditos e vassallos (Peregrin. I. 273).

594. EMPREGO DE *QUAL*. O relativo *qual* assume, no desenvolvimento da lingua, varios aspectos syntacticos, como passamos a mostrar:

1.º No periodo inicial da lingua escripta, *qual* assume o valor syntactico de *que* e *o qual*, isto é, exerce francamente as funcções de adjectivo relativo, como fizemos ver no paragrapho antecedente: *E fezeles ajudas, quales* (= *quaes*) *podedes saber; firme con vizinhos quaes over.*

Do sec. XIV em diante esta funcção adjectiva começa a ser exercida pela fórma composta *o qual*, *a qual*, *os quaes* e *as quaes*:... *ũa mui onrada dona, a qual achou fazer aos pees do santo bispo Nono* (Vide § antecedente).

2.º Serve ainda *qual* para discriminar entre dois ou mais objectos, mormente em phrases interrogativas:

Quando estes souberam quaes eram as intenções dos arabes... a atrocidade do sacrilegio afugentou-lhes a meno sombra d'hesitação (A. H., Eur. 139) — *Qual é o teu nome? Qual dos dois? Qual delles?* — Mas, em qual coração resta hoje virtude e esforço, no vasto imperio d'Hispanha? (A. H., ib. 29)

Não me lembra em que escriptura
Nem sei em *quaes* distincções
Nem a copia das razões — (G. V., Obs. I. 99)

Onde porei meus olhos *que* não veja
A causa de *que* nasce o meu tormento?
A *qual* pa. te me irei co'o pensamento,
Que para descansar parte me seja? (C., Obs. 2. 60)

Oh! mar! oh ceo! oh minha escura sorte!
Qual vida perderei *que* valha tanto,
Se ainda tenho por pouco o viver triste? (Ib. 90).

3.º Em phrases parentheticas: "...os transes, *qual* mais doloroso, por que secessivamente passava (A. H., Eur. 228).

4.º Desenvolveu-se largamente *qual* como correctivo de *tal*, maxime nos anexins populares e nas ampliações dos poetas. — Exs.;

Qualo rei, tal a grei — Quaes palavras te dizem, tal coração te fazem — Qual pergunta farás, tal resposta terás — Qual o tempo, tal o tento — Qual é o cão, tal é o dono — Qual é Maria, tal filha cria — Qual contra a linda moça Polyxena... o duro Pyrrho se aparelha... taes contra Ignez os brutos matadores... se encarniçavam (C).

5.º Entre os correlativos *tal* e *qual*, *tal* é o termo regente e a sua posição é na oração *subordinante*, e *qual* é o termo regido e a sua posição é na oração *subordinada*; entretanto, de accordo com o character synthetico da lingua archaica, nota-se nos exemplos acima a precedencia de *qual*. Esta inversão generalizou-se.

E' mui commum no v. port. a ellipse do correlativo *tal*.
Exs.:

Senhor, não me matedes, ca eu farei qual preito (=tal preito qual...)
— Des ali em diante fez el rei en toda sa terra arcebispos e bispos quaes el quis (=taes quaes el quis) (Chrest. Arch., 72, 73) — Soldados briosos, quaes (taes quaes) são os portuguezes, não usão cousa de fyança (A. de F.) —

Fui dos filhos asperrimos da terra
Qual (*tal qual*) Encelado, Egeo, e Centimano
Lus. Obrs. 171.

Alexandre, Marilia qual (*ta: qual*) o rio
Que, engrossando no inverno, tudo arrasa,
Na frente das cohortes
Cerca vence, ab:asa
As cidades mais fortes — Gonzaga.

Ah: não sabia. Estimo.
Se for qua. m'o hão pintado, é um optimo arrimo
que te fica no mundo: e rapagão pe leito
(A. C., O Doente. 20)

6.º No port. arch. apparece ás vezes *qual* como termo de ligação do comparativo de egualdade:

Am (=hã) tam gram coita no seu coração, *qua* m'eu por mia (mia =minha) senhor vejo levar (T. Arch. 23).

7.º Como correlativo de *tal*, *qual* é adjectivo qualificativo, e conserva o valor do original latino *qualis*. Entretanto, quando a correlação não se refere a dois termos expressos na clausula subordinante e subordinada, mas ao sentido de ambas, *tal* e *qual* assumem as funções de adverbio de modo, e ficam invariaveis: *Tal correm os annos, qual as aguas para o oceano.*

8.º E' de uso classico o emprego de *qual* como partitivo ou distributivo, quando, como *quem*, é repetido em phrases coordenadas, com o valor de — *este, esse, aquelle*.
Exs.:

Qua mais, qual menos, toda a lã é pelos Prov.)

Qual vai dizendo : O' filho a quem eu tinha
(Lus., 6. 90)

Qual em cabello : O' doce e amado esposo
.. .. .
(Lus. 4. 91)

A hum Cochim, e a out o Cananor
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dà Cranganor,
L os mais, a quem o mais serve e contenta (Lus. 7. 35)

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme ;
O co ação no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme :
Qual do cavallo vôa, que não desce,
Qual co'o cavallo em terra dando, geme ;
Qual vermelhas as armas az de brancas ;
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.
(Lus. 6. 64)

Qual trementes no espeto enrosca os lombos,
Qual fogo atíça aos caldeirões na praia
O. M., Eneid. I. 226)

9.º Precedido de *cada*, fôrma o pronome composto *cada qual*:

Bem como a cada qual coubera em sorte (C.) — Cada qual mais pasmado que medroso, se estranha a força que no outro encontra (G. D., Poes. 2. 158).

Com o mesmo valor de *cada qual*, emprega-se *qual* precedido da preposição *a* — *a qual*. Ex.:

Construi passarolas de Icaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material (G. Viag. 1.22) — A qual mais prestes, os Gamos, os Veados, vão buscar outros climas (Fab. 154) —

Vinha um velho borracho, e uma borracha
Velha tambem com maternal carinho
a sustel-o, a guial-o, a qual mais tropego.

(A. C., Os Fast. 2. 61)

Est'outro manjar terceiro
Foi guizado
Em tres logares de dor,
A qual maior
Com lenha de madeiro
Mais prezado — (G. Vic. Ohrs. 1. 208)

Alvoroçados, sofregos, regressão
a qual mais prestes se apresente em Roma
a qual nos maternaes saudosos labios
colhendo um beijo colherá um imperio.
(A. C., Os Fast. 16 1.1)

10.* *Qual a qual* é locução pronominal, que, como *cada qual* e *a qual*, tem valor distributivo. Exs.:

Que ellas só doze são : e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada uma escreve ao seu por varios modos,
E todos a seu Rei, e o Duque a todos (C., Ohrs. 1. 208)

11.* *Qual* une-se ainda com o verbo *querer* para formar o adjectivo — *qualquer* (pl. *quaesquer*).

No portuguez archaico os dois elementos apparecem separados. Exs.:

Por todo ome por que prindaren, de qual parte quer (de qualquer parte), vaya e saque prinda (T. Port. 79, Foros de Castello Rodrigo).

Podera Sancta Maria
grande os seus acorrer
em qual logar quer que seja
e os de mal defender (T. Port. 119)

Em Camões *qualquer* assume frequentemente o sentido distributivo de *cada um*:

Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pôde que he primeiro (Lus. 1. 87)

Qualquer então comsigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada (Lus. 1. 57)

Assi que, um pela infamia, que arrecêa
E a outra pelas honras que pretende,
Debatem e na porfia permanecem :
A qualquer seus amigos favorecem — (Lus. 1. 34).

Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce e chara
A âncora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina. (Lus. 2. 28)

12. *Qual* emprega-se ainda como interjeição: *Qual! não acontecerá isso.*

595. *O qual*. Esta forma composta com o artigo definido, que já apparece nos documentos do sec. XIII, assume desde logo o character de um adjectivo relativo equivalente ao pronome relativo *que*, com o qual alterna, no discurso, as suas funções.

Não ha cousa a qual natural seja (que natural seja), que não queira perpetuo o seu estado (C.) — Cessem as navegações grandes que fizeram (as quaes fizeram) (Id.).

Este adjectivo relativo tem, em regra, no uso actual, o seu *antecedente* claro, e o *consequente* occulto, como se vê no exemplo supra de Camões, e, só no caso de emphase, torna-se expresso o consequente.

Mais commum que hoje era vir no v. port. expresso o consequente. Exs.:

El meteu um camafeo na boca, o qual camafeo avia partido com sua mulher (Chrest. Arch. 66) — Dou ao mōasterio de Santa Oufemea un casal pola alma de mia madre, dona Maria Rodriguiz, o qual casalela avia en Meoma (Chrest. Arch. 18).

596. EMPREGO DO RELATIVO *O QUAL*. Sobre o emprego do relativo *o qual* importa observar:

1.º Até o sec. XVI encontra-se muitas vezes *o qual* empregado pela forma neutra *o que*:

Pela grande mercê que lhe fizera em lhes restituir suas fazendas, *pelo qual* todos lhe ficavam por subditos e vassallos (Peregr. 1.273).

2.º Um outro uso mui frequente no port. arch. e hoje raro era empregar o relativo *o qual* com o consequente claro, sem antecedente expresso, ou talvez, melhor, o consequente pelo antecedente. Exs.:

Vimos surtas muitissima quantidade de vellas... *a qual vista* (vista a qual...) nos meteu em tamanho temor... que nos tornamos a sahyr muyto caladamente (Peregr. 2. 296) — Havia um homem poderoso chamado Abed Ramon, filho de Mauhyá, e neto de Doxon, e bisneto de Abbdel-melêç, o qual avô e bisavô foram tambem Calyfast (Dec. 1. 6.) Sempre inquiria dos Mouros as cousas de drespondeo sertão da terra... A qual diligencia (diligencia a qual...) lhe respondeo com o premio... (Ib. 19)—

O testemunho da qual verdade se vio no que lhe fizeram em Moçambi-
que... o qual engano e traição nunca achara (Ib. 348) — Não assim a ma-
ravilhosa historia da Senhora de Nazareth ; a qual lenda foi refutada
(A. C., Q. Hist., 2. 78).

3.º Sendo *o qual* apenas uma variante syntactica do
pron. relat. *que*, só é preferivel ao pronome nos seguintes
casos:

a) Para evitar ambiguidade, e clarear a referencia do
antecedente. Exs.:

Descobrimos... ha terra rasa, a modo de lizira, situada no meio do
rio a qual podia ser de pouco mais de hũa legua (Peregr. 1. 300) — Os
christãos veem descer... um rio de fogo que se precipita em turbilhões,
contra o qual não valem armaduras de ferro (A. H., Tomada de Silves).

b) Para dar emphase ao antecedente avocado, e, neste
caso, poder-se-á reforçar a emphase, expressando-o como
consequente. Exs.:

Foi delle senhor ho gigante Aldemburque... filho de Burquedal...
o qual Burquedal ouve este filho (T. Ded. 59) — Entramos dentro no
porto, *o qual* era uma formosa angra... lizerão saber a Antonio de Faria,
o qual co supito (subito) daquella nova ficou tão lora de sy que quasi
perdeu de todo a paciencia, e por se temer de algum motim, *o qual* se co-
meçava já de yr ordenando (Peregr. 1. 288) — Larga e memoravelmente
se pugnou... com grande perda... particularmente uos Francos, *os quaes*,
mais leões que soldados, corriam a esgrimir mais perto dos muros. (A.
C., Q. Hist., 2. 45) — Ainda mais aterrada com esta apparição aerea,
a qual, sem azas e suspensa no vacuo, a contempla absorta (Ib. 26).

c) Para amenizar o estylo, fugindo a monotonia da re-
petição de *ques*, *os quaes* por vezes sobrecarregam a phra-
se. Exs.:

E quanto a te dizerem que te faço agora esta viagem mais comprida
do que em Liampos te promety, tu sabes a rezõ porque o fiz, a qual não
tempo que te dey, te não pareceo mal (Peregr. 1. 235).

4.º Quando preposicional, *o qual* póde substituir *quem*,
dando mais variedade ao discurso:

Em minha vida avia de vingar a sua morte, pelo sangue do qual (de
quem) juro diante de todos vosoutros (Peregr. 1. 101).

597. *CUJO*. Este adjectivo relativo ou conjunctivo re-
clama, no uso vivo da lingua actualmente, *antecedente*, e